TL1581

RH

COMPATRIOTAS DE TIMOR-LESTE

Vivemos horas de turbulência politica engendrada artificialmente por elementos irresponsáveis.Atravessamos momentos que parecem ser de indefinição para alguns mas de clareza para outros.Para aqueles que aceitam interferências de elementos estranhos,camuflados de campeões de solidariedade,os momentos que correm podem ser de indefinição.Mas para aqueles que têm ideias próprias e que não são refeéns de quem quer que seja a não ser do destino do povo maubere,estes mesmos momentos são de clareza porque se enquadram no contexto de uma nova estratégia e de tácticas reformuladas para mais uma etapa da mesma luta.

Gostaria de referir-me ao plano do Dr. Abilio de Araújo,ilustre Presidente da Fretilin,sobre o encontro de reconciliação entre lideres politicos timorenses exilados e aqueles servindo a administração indonésia.Houve vozes irreverentes que de imediato se levantaram para criticarem o plano,adjectivando-o de toda a maneira e feitio,mas as mesmas remeteram-se a um silêncio cúmplice de inequivoco conluio,quando confrontadas com outro plano-o da autonomia,protagonizada pelo dirigente do CRNM Dr. Ramos Horta e já amplamente difundida pelos o gãos da comunicação social.
O plano do Dr. Abilio de Araújo defende o encontro entre timorenses independentistas e integracionistas.Durante o programado encontro serão abordadas questões como a reconcialiação e a pacificação.O plano do Dr. Ramos Horta pressupõe a transferencia da soberania portuguesa para a Indonésia,implicando que durante 12 longos anos - periodo pré-referendatário proposto pelo mesmo - os timorenses passem a ser considerados cidadãos indonésios o que significa ao fim e ao cabo a legitimação de uma ilegalidade:a invasão e a bárbara ocupação de Timor-Leste pela Indonésia condenada com veemência pela ONU.

O plano do Dr. Abilio de Araújo tem o meu apoio e o de diversas personalidades timorenses na diáspora assim como da maioria dos quadros da Fretilin no interior e exterior de Timor-Leste.
O mesmo é totalmente secundado pelas Igrejas Católicas de Portugal e Timor-Leste.O Governo português não se opõe e vê com bons olhos todas as iniciativas tomadas pelos próprios timorenses que possam complementar os seus esforços e que conduzam,mais cedo ou mas tarde,a uma solução definitiva da questão maubere.Uma parte mui reduzida e mesmo inexpressiva da nossa minúscula comunidade em Portugal manifestou a sua contestação e o seu desacorodo através de um abaixo-assinado feito sem pés nem cabeça, pondo em prática uma vez mais aquela tendência já crónica e quase congénita de uns tantos assimilados e desenraizados,alienados sem ideias próprias,que criticam por tudo e por nada de uma forma destrutiva e falaciosa em vez de buscarem o esclarecimento adequado em diálogo responsável e salutar com o progenitor do referido plano.E houve mesmo quem,qual expert em adjectivações apressadas,se atreveu a apodar de analfabetos politicos todos os seguidores do plano.Reconheço que o progenitor e os seguidores não são detentores absolutos da verdade,mas decerto são pessoas com ideias próprias,com um discurso politico diferente caracterizado pela moderação,argúcia e maturidade e não se deleitam com fraseologias decoradas e emprestadas e muito menos actuam a reboque dos empresários da solidariedade (des)interessada.
Mas como ''vozes de burro não chegam ao céu'' iremos implementar o plano do Dr. Abilio de Araújo,não nos detendo em tagarelices e verborreias fomentadas por elementos sem escrúpulos de uma dita solidariedade que há muito fizeram da mesma uma lucrativa fonte de receitas.Timor-Leste e o povo maubere transformaram-se,para gáudio

RH

de alguns e amargura de outros,em matéria-prima de muitas empresas da solidariedade que,ao apoiarem timorenses contra timorenses,tomando partido por estes contra aqueles,só fabricam o divisionismo e não a unidade que tanto nos faz falta.

Há que pôr cobro a toda esta prática servil.O nosso plano não enferma de objectividade e partiu de gente com um curriculo invejável de luta independentista e anticolonial.Eu pessoalmente nunca o apoiaria se o mesmo não tivesse pés para andar.Para ser exacto,até digo que o plano revela uma certa genialidade de quem o concebeu porque visa incutir uma dinâmica completamente nova num processo politico em que os timorenses de todas as ideologias e tendencias,sem quaisquer exclusões,são os maiores interessados, devendo por conseguinte assumir um maior protagonismo.Não devemos restringir e limitar a busca de soluções para um problema que tanto nos atormenta apenas aos encontros periódicos entre os Ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e Indonésia.Devemos ser parte activa e,fazendo uso cabal da creatividade que nos é peculiar,equacionar novas medidas que conduzam paulatinamente a uma solução definitiva e plausivel sem no entanto desvirtuarmos os sagrados principios da liberdade e independência que sempre nos nortearam.Creatividade não é rendição e muito menos traição.

A pacificação visa a libertação total dos prisioneiros politicos timorenses das prisões indonésias,a livre circulação de bens e pessoas de e para Timor-Leste,o restabelecimento do ensino do português nas escolas timorenses,a abertura de um seminário maior em Timor-Leste com a possibilidade de nele leccionarem sacerdotes portugueses,o envio para Portugal e outros paises de universitários timorenses para cursos de pós-graduação com a garantia de posterior regresso ao território e a restituição das propriedades aos seus legitimos donos.

A reconciliação visa o reencontro da grande familia timorense desavinda e dividida pela guerra.A verdadeira reconciliação não se fará por Decretos como simplisticamente pretendem alguns.Não nos interessa uma reconciliação de palavras.Para ser autêntica,ela terá que vir do interior de cada um de nós,do coração.A reconciliação só será possivel quando cada timorense souber exercer a tolerância e for capaz de perdoar verdadeiramente.E todos sabemos que é e será muito dificil perdoar.

Não nos parece que o plano retire a capacidade negocial ao Governo Português nem tão pouco subalternize o papel preponderante do Secretário-Geral da ONU.Classificá-lo de macabro não é só ridiculo como inoportuno.Quem assim o diz só se equipara àqueles profetas,falsos ou híbridos,que pululam na praça da má lingua.

Para nós,os humildes genuinos servidores da Fretilin que tudo perdemos na luta pela liberdade e independência de Timor-Leste, fazer politica responsável significa acompanhar o ritmo da evolução dos acontecimentos internacionais,tomando medidas e dando passos que se ajustem às novas realidades e mutações que forem surgindo. Devemos exercer a flexibilidade sem perdermos o sentido das coisas e sem pormos em causa o nosso objectivo principal:a liberdade e a Independência.Ajustarmo-nos às realidades e mutações é proporcionarmos novos espaços para novas formas de luta.Apegarmo-nos às posições rígidas é praticarmos o dogmatismo mórbido e imobilista e abeirarmo-nos perigosamente do radicalismo infantil e irresponsável.

Quando em 1978,antes de tombar heroicamente em combate,o então Presidente da Fretilin NICOLAU LOBATO,reuniu o seu Comité Central para decretar a rendição massiva do povo às forças ocupantes e invasoras,muita boa gente dentro da própria Fretilin que não compreendeu o alcance estratégico daquela decisão tergiversou e tagarelou como ainda hoje fazem alguns infelizmente.Provou-se com o tempo que a postura então assumida era 100% correcta porquanto visava acima de tudo a salvaguarda da integridade fisica do povo maubere.Sem o povo para que serviria o território,a terra,a Pátria?

Contra a força é preciso usar a inteligência.Quem diria que um De Klerk,outrora algoz,viria um dia a coabitar com um Mandela, outrora vítima,para juntos porem fim ao apartheid?Coabitar com De Klerk é para Mandela um mal menor mas necessário,sem o qual a consecução do seu objectivo passaria por um caminho terrivelmente sangrento.Não estamos muito distantes desta analogia.Temos outros exemplos como referências.A FRELIMO e o MPLA andaram durante mais de uma década de costas viradas à RENAMO e UNITA respectivamente.Mas finda a guerra fria e extinto o conflito Leste-Oeste,os irmãos inimigos conversaram,negociaram e assinaram acordos de cessar-fogo.Tendo em conta as nossas especificidades de território não-autónomo e não de estado independente como os paises lusófanos da África,porquê haveriamos de recusar o diálogo com outros timorenses só pelo facto de servirem uma administração que consideramos inimiga porque ocupante da nossa Pátria?

Compatriotas de Timor-Leste

Não faltarão no nosso léxico adjectivos abundantes para verberarmos sem receio quem nos apode de forma indigna e injusta.Não cremos,contudo,ser este o método mais correcto para confrontarmos ideias e demarcarmos diferenças.Somos apologistas do diálogo construtivo entre todos os timorenses.Saibamos refrear os ânimos,controlando as emoções e praticando a tolerância.Enterremos para sempre os machados de guerra que deixaram exangue a nossa terra e ergamos bem alto a bandeira da paz e da concórdia.

Todos juntos seremos poucos para reerguermos o nosso querido TIMOR-LESTE das cinzas da ocupação e da barbárie.

Viva Timor-Leste!
Viva a Unidade entre todos os TIMORENSES!

Lisboa,30 de Julho de 1993.

ROGERIO LOBATO,

Comandante Fundador das FALINTIL

(Ex-Ministro da Defesa Nacional
da ex-República Democrática de
Timor-Leste)